



## AS RESPOSTAS DA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA AO CASO MARIELLE FRANCO

Manuella Bezerra de Melo<sup>1</sup>

### RESUMO

Vereadora no Rio de Janeiro, Marielle Franco foi executada em 2018 às vésperas das eleições presidenciais de 2018, um assassinato com dezenas de desdobramentos e nenhuma resolução até então (2021). As motivações são evidentemente políticas. Nascida na comunidade da Maré, era uma das principais vozes de denúncia contra o abuso de poder das forças policiais nas comunidades cariocas. Ascendeu sua posição de poder num período de crescimento da lógica fascista no Brasil, que em seguida ganhou um porta-voz na candidatura à presidência da república de Jair Bolsonaro, que institucionalizou e efetivou o retorno (e a vitória) da extrema-direita no Brasil. O assassinato ganhou status de fenômeno sociológico justamente por ser uma síntese da representação do desaparecimento das minorias sociais brasileiras. Entre as centenas de levantes, a poesia brasileira também produziu respostas ao caso. Desde 2012, o crescimento destas agendas conservadoras posicionou a produção literária como operadora da resistência através de uma geração de novos escritores e poetas dispostos a confrontar o sistema literário, ocupar os espaços anteriormente negados e refundar a tradição. Por isto, neste trabalho proponho olhar para estas respostas da poesia brasileira à execução da vereadora Marielle Franco a fim de melhor compreender como a poesia nos conecta amplamente e com maior inteligibilidade ao presente histórico, quando sua relação circunstancial de reflexão dos tempos é ampliada para além dos acontecimentos e torna-se um olhar em perspectiva.

**Palavras-chave:** #Marielle, #Poesia, #Contemporânea, #Respostas, #Brasil

<sup>1</sup> Doutoranda do programa Modernidades Comparadas na Universidade do Minho – PT. Sua pesquisa é financiada pela Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal: UI/BD/150720/2020. O presente artigo é um recorte da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado intitulada: ‘As respostas da nova poesia brasileira ao bloqueio do sistema literário no ciclo do golpe de 2016’ (2019)

**ABSTRACT:** Councilor in Rio de Janeiro, Marielle Franco was executed in 2018 on the eve of the 2018 presidential elections. The motivations are clearly political. Born in the community of Maré, she was one of the main voices of denunciation against the abuse of power by police forces in Rio de Janeiro communities. She it came to power in the period of growth of fascist logic in Brazil, which institutionalized the extreme right-wing with the election of Jair Bolsonaro. The murder gained status as a sociological phenomenon precisely because it is a synthesis of the representation of the disappearance of Brazilian social minorities. Among the hundreds of uprisings, Brazilian poetry also produced responses to the case. Since 2012, the growth of these conservative agendas has positioned literary production as the operator of resistance through a generation of new writers and poets willing to confront the literary system, occupy the spaces previously denied and to refound tradition. For this reason, in this work I propose to look at these responses of Brazilian poetry to the execution of councilwoman Marielle Franco in order to better understand how poetry connects us widely and with greater intelligibility to the historical present, when its circumstantial relation of reflection of the times is extended beyond of events and becomes a perspective look.

**Keywords:** #Marielle, #Poetry, #Contemporary, #Answers, #Brazil

**RESUMEN:** Concejal en Río de Janeiro, Marielle Franco fue ejecutada en 2018 en vísperas de las elecciones presidenciales de 2018, un asesinato sin resolución hasta el momento (2021). Las motivaciones son claramente políticas. Nacida en la comunidad de Maré, fue una de las principales voces de denuncia contra el abuso de poder por parte de las fuerzas policiales en las comunidades de Río de Janeiro. Ascendió a su posición de poder en un período de crecimiento de la lógica fascista en Brasil, que de pronto ganó un vocero en la candidatura a la presidencia de la república de Jair Bolsonaro, que institucionalizó y provocó el regreso (y la victoria) de la extrema derecha en Brasil. El asesinato ganó estatus como fenómeno sociológico porque es una síntesis de la representación de la desaparición de las minorías sociales brasileñas. Entre los cientos de levantamientos, la poesía brasileña también produjo respuestas al caso. Desde 2012, el crecimiento de estas agendas conservadoras ha posicionado a la producción literaria como operadora de la resistencia a través de una generación de nuevos escritores y poetas dispuestos a confrontar el sistema literario, ocupar los espacios negados y refundar la tradición. Por ello, en este trabajo propongo mirar estas respuestas de la poesía brasileña a la ejecución de la concejala Marielle Franco para comprender mejor cómo la poesía nos conecta de manera amplia y con mayor inteligibilidad con el presente histórico, cuando su relación circunstancial de reflexión del tiempo se extiende más allá de los acontecimientos y se convierte en una mirada en perspectiva.

**Palabras-clave:** #Marielle, #Poesía, #Contemporánea, #Respuestas, #Brasil

## Introdução

O episódio da execução da vereadora Marielle Franco (PSOL) é um caso específico que precisa ser destacado e estudado como elemento único nas respostas poéticas de resistência da nova literatura brasileira. O espanto com o que viera a ocorrer na noite de seu assassinato, no Rio de Janeiro, causou uma comoção profunda, conduzindo a figura de Marielle a um poder simbólico da representação da ameaça a existência levada às últimas consequências.

Marielle foi morta em 14 de março de 2018, ano eleitoral no Brasil em um período ainda nebuloso quanto à formação das frentes e coligações. A essa altura, o nome do deputado do PSL Jair Bolsonaro, atual presidente, já crescia nas pesquisas e apontava para uma polarização política ainda mais acirrada. Por outro lado, a Operação Lava Jato definia o destino do ex-presidente Lula<sup>2</sup> que era pré-candidato, no sentido de dar impedimento ao prosseguimento de sua postulação a presidência. Socióloga feminista e ativista negra, ela foi executada no Rio de Janeiro com três tiros na cabeça e um no pescoço dentro de um veículo de retorno de um evento na Lapa, no bairro do Estácio. Nascida na comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, a vítima não somente era vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) - eleita em 2016 com mais de 46 mil votos -, como era uma das principais vozes na defesa dos Direitos Humanos do Brasil, atuando no combate contra o racismo e a violência policial contra a população negra nas comunidades periféricas cariocas, trabalho iniciado na Maré e expandido na sequência da ampliação de sua atuação política.

Conhecida como nome de denúncia aos abusos de poder do Estado, atuou em organizações como o Centro de Ações Solidárias da Maré, Complexo de Favelas, Brasil Foundation e havia coordenado (ao lado do deputado estadual Marcelo Freixo, que já sofreu diversas ameaças por parte de milícias de dentro da polícia carioca), a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ). A vereadora havia sido eleita para relatora da comissão da Câmara organizadora de acompanhamento da Intervenção Militar, criada para monitorar as ações do interventor militar do Rio de Janeiro, atividade que coleta e análise de dados, avaliações,

---

<sup>2</sup> O país que ele construiu. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?>. Acesso em 26 jun.2011.

pesquisas para garantir o controle social da intervenção, fato que aumenta a suspeita de crime político com intenção de silenciar por definitivo a atenção da parlamentar para as questões complexas da segurança pública. As investigações concluíram, ainda, que a arma que matou Marielle era uma pistola 9 mm, e as balas identificadas como de um lote vendido para a Polícia Federal de Brasília em 2006, que segundo o Ministro da Segurança, foram roubadas em um assalto a sede dos correios na Paraíba em julho de 2017. O lote era o mesmo de parte das balas utilizadas em uma chacina em São Paulo, em 2015, e também nos assassinatos de 5 pessoas em guerras de facções de traficantes em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio. Para a polícia, os assassinos observaram Marielle antes do crime, porque sabiam exatamente a posição dela dentro do carro. Os criminosos fugiram sem levar nada. Oito dias antes de ser executada, Marielle havia recebido denúncias sobre o assassinato de dois homens na Favela de Acari, zona norte do Rio, que tiveram os corpos jogados num valão. Para os moradores, por causa da intervenção promovida por Temer, a Polícia Militar sentia-se com ‘licença para matar’. A vereadora compartilhou a notícia em seu perfil nas redes sociais com tom de denúncia:

“Somos todos Acari! Parem de nos matar! Precisamos gritar para que todos saibam o está acontecendo em Acari neste momento. O 41º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro está aterrorizando e violentando moradores de Acari. Nesta semana dois jovens foram mortos e jogados em um valão. Hoje, a polícia andou pelas ruas ameaçando os moradores. Acontece desde sempre, com a intervenção ficou ainda pior”. (Marielle, 2018).

No decorrer dos mais de mil dias de investigação, as provas levaram a polícia até os atiradores, que acabaram sendo presos pelo crime, mas nunca chegaram ao mandante, uma pergunta até hoje sem resposta concreta. A principal linha de investigação da Polícia Civil e do Ministério Público do Rio é que o crime teria sido contratado por políticos ligados à milícia – que já domina um terço da cidade. O Assassinato de Marielle tomou proporções de fenômeno histórico e sociológico no Brasil, com gigantesca repercussão internacional e mobilização dos movimentos sociais e entidades dos direitos humanos. Não somente pelo teor simbólico de sua morte; mulher, negra, lésbica e periférica que rompeu as barreiras do silenciamento e da representatividade pra se tornar voz potente na luta contra as forças hegemônicas de poder, como pela conjuntura e momento político que se dá esta morte e sua

representação.

Diante do cenário, a execução de Marielle foi um estopim simbólico para um movimento de forte fluxo literário com bases estruturadas a partir dos episódios conjunturais desde 2013, uma primavera literária com respostas estéticas atentas às vozes que vem sendo silenciadas na tentativa de acrescentar a nova compreensão da realidade e disponível para reinterpretar o mundo a partir de uma ótica que fure os bloqueios do discurso hegemônico. Desde então e até então, foram publicados poemas em zines, blogs e afins, preparadas antologias, estudos científicos e revistas literárias com o tema 'Marielle', um fôlego para remar na contramare das estatísticas brasileiras já trabalhadas na fase introdutória desta dissertação.

As iniciativas dentro da temática "Marielle" são relevantes porque respondem a um contexto histórico questionável, porém violento, utilizam a abstração e subjetividade literária pra contar uma história que, possivelmente, seria invisibilizada pelos meios de comunicação formais em uma tática de apagamento, e forçam a porta para inserir-se neste contexto, causando uma fenda necessária no sistema literário que "(...) trabalha confinando a produção a modos operativos, a concepções de vida e, às vezes, a recursos literários longamente recorrentes no desenvolvimento de uma literatura" (RAMA, 2001, p.224). Nestes exemplos, as relações de subalternidade de gênero, raça, classe, assim como suas especificidades e subjetividades, seu lugar de ausência na história (inclusive literária), bem como sua capacidade de enfrentamento às opressões através da resistência e contracultura, ampliaram o campo de visão para inserirem-se na escrita materialmente, ou, às palavras de Alfredo Bosi (2002):

(...) as relações entre literatura e resistência que argumenta quando a escrita resiste em emprestar voz aos fantasmas do sujeito, conseguindo mostrar o que há de mais obscuro em seus conceitos e rever seus dilemas, problematizando suas convenções. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (BOSI, 2002, p.135).

As respostas poéticas surgidas a partir da execução de Marielle tocam em assuntos silenciados, como racismo, misoginia, genocídio do povo negro pelas mãos do estado, violência, direitos humanos e questões de classe. Ultrapassam o episódio para experiências literárias atemporais agarrados a morte-símbolo de uma mulher que não aceitava ser silenciada porque estava fora dos padrões de gênero, raça e econômico. A

professora doutora Regina Dalcastagné<sup>3</sup>, da Universidade de Brasília (UNB), autora de uma série de obras que investigam o perfil do escritor brasileiro, defende que a literatura não deve caminhar a parte das críticas como se fosse uma arte superior ou intocável, e que é mais um discurso social para ser contestado e debatido. Em entrevista a Revista Cult, aprofunda esta defesa quando demonstra que:

“A perspectiva geral das obras é de classe média, e fala muito sobre como essas pessoas são vistas ou pouco vistas, porque no Brasil existe esse muro social. Convive-se pouco com pessoas de outras classes, e mesmo quando se convive, não se enxerga quem elas são”.

### Poemas para Marielle Franco

Em uma perspectiva hermenêutica acerca especificamente da natureza da linguagem poética, suas particularidades, suas formas de manifestação e suas possíveis relações com outros gêneros, é perceptível o papel da produção literária em volta da temática da “Marielle” saltando as fronteiras do indivíduo e alcançando aspectos de caráter epistemológico, pois ainda que literatura não tenha

“(…) uma preocupação explícita com a memória, de certa forma tem este papel de suporte pois as construções literárias constituem formas privilegiadas de apreender aspectos da memória coletiva. Os silêncios ou as revelações nos textos literários são fontes de extrema relevância para se compreender os mecanismos de perpetuação ou transformação das representações da sociedade”. (GRECCO, 2014, p.47)

No dia seguinte ao assassinato de Marielle Franco, 15 de março de 2018, os registros poéticos se proliferaram. Dezenas de escritoras, muitas da nova geração, outras autoras contemporâneas de mais experiência, em sua maioria mulheres, acordaram palavras movidas pelo espanto do fato contribuindo para construir a realidade através dos recursos simbólicos, uma das formas exercício do poder político por meio da nomeação ocorrida, que fez com que exercessem uma função de relacionar o acontecimento e a linguagem.

---

<sup>3</sup>Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em :10 jun. 2018.

Isto porque em casos como este, o relato histórico não dá conta de processar, registrar e explicar a inexplicabilidade do ocorrido, não suporta o susto, o espanto, a sensação de uma centena de mulheres sentirem-se mortas junto àquele símbolo mulher, negra, lésbica, periférica. Por isso, a Literatura entra como aspecto que trabalha todo campo da subjetividade que amplia o relato do fato histórico para o campo simbólico, a abstração, e é esta a literatura que deve ser analisada como objeto semiótico. Centenas de poesias, uma antologia, alguns congressos temáticos e revistas literárias produzidas em nome deste signo, escrita “(...) capaz de criar o efeito da realidade construindo representações mais vivazes até mesmo que o próprio relato histórico”. (MELO, 2019, p.55)

Entre os nomes que compõem esse grupo, as escritoras Conceição Evaristo e Micheliny Verunschik, esta última com o celebrado poema, lido e relido em quase todas as atividades e atos políticos em homenagem a Marielle inclusive fora do Brasil, em um evento na Tulane University, em New Orleans (EUA), para onde foi convidada. A própria Micheliny conta que dois dias antes havia escutado a música Um Índio, de Caetano Veloso, e Liberdade, a filha do vento, da banda Cordel do Fogo Encantado, e percebe que o poema é um eco da Marielle nestas duas canções:

uma mulher descerá o morro<sup>4</sup>  
como se descesse de uma estrela  
uma mulher seus olhos iluminados  
suas mãos pulsando vida e luta  
sob seus pés a velha serpente  
[a baba as armas a covardia de sempre].  
uma mulher descerá o morro  
as inúmeras escadarias do morro  
os muros arames que separam o morro  
e pisará o chão desse país sem nome  
desse país que ainda não existe  
desse país que interminavelmente não há  
uma mulher descerá o morro  
tempestade é o vestido que ela veste  
uma mulher descerá o morro  
e ainda que seu sangue caia  
ferida incessante no asfalto do Estácio  
e ainda que anunciem sua morte  
[e sim, ainda que a comemorem]  
esta mulher ninguém poderá parar

---

<sup>4</sup>Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco. Organização Mulherio das Letras. Quintal Edições, 2018, p.8

No poema de Michellyni, os vinte versos livres corridos são sustentados no elemento da força da representatividade do elemento que homenageia. A mulher palavra ‘mulher’ é repetida seis vezes enquanto recurso de potência e atenção a questão de gênero, o que une a autora ao tema do poema. Marielle Franco não é citada nominalmente, mas é direcionada a um lugar de musa inspiradora de uma distopia, num mágico e triste reino distópico que é a periferia do Brasil. O poema cresce à medida que a musa se propaga com o som dos versos e se multiplica, transformando-se, portanto, em cada uma das mulheres que descem aquele morro todos os dias. Michellyni, a poeta, escreve deslocada destas mulheres. Ela vê o episódio na sua importância de ultrapassar o fato para manter-se vivo na literatura, mas a partir da perspectiva de quem não está descendo o morro, de quem está no chão, com os pés fincados em uma outra realidade, vivenciada por Marielle e por estas mulheres multiplicadas, mas não pela autora, que é uma espectadora que partilha do sentimento do feminino, da opressão de gênero, mas não da condição periférica e negra de Marielle Franco.

O assassinato de Marielle – muito embora eu não a conhecesse – reverberou e reverbera em mim de modo muito doloroso. A estupidez da execução, o ódio subjacente parece ainda agora atingir um tecido sensível do mundo. Esse ato tão covarde transtornou coisas muito sagradas. Talvez porque para além da morte física da pessoa singular que era a Marielle Franco, tenha sido também coletivo. Escrevi logo nas primeiras horas após receber a notícia, não imaginava a repercussão e tampouco me envaidece, preferia não tê-lo escrito, entretanto penso que se ele existe, há de servir para que de algum modo Marielle continue de pé. A literatura não está separada da sociedade, é parte dela e por isso não existe literatura neutra” (MICHELLYNI, 2018, via Facebook)

No poema de Conceição Evaristo, lido pela autora em uma conferência literária em Paris, poucos dias após a morte da vereadora, a experiência estética acontece dentro da própria morte de Marielle. Diferente do primeiro poema, não há deslocamento. A poeta é uma mulher negra de origem periférica e de maior idade, mais velha que Marielle Franco, com um passado de sofrimento característico a maioria esmagadora das mulheres negras brasileiras. Aqui, Marielle Franco precisa ser nominada, numa adaptação de um poema que já existia e tratava deste mal das mortes das mulheres negras, porém este texto é demarcado para ela como quem deseja que não seja confundida com as duras estatísticas, como quem demarca o episódio pela importância da brutalidade do

genocídio que persegue sua própria história, como quem lembra que cada mulher morta tem um nome. A dor e a solidão da mulher negra, o peso da ferida da ancestralidade dialoga com os próprios passos da poeta, cujo sabor da morte recorrente de todo um povo volta amargo a boca na execução da vereadora, versos que elaboram, mas seguem em negação e luta, com a própria morte.

Não, nós nos negamos a acreditar<sup>5</sup>  
que um corpo tombe vazio e se desfaça  
no espaço feito poeira ou fumaça  
adentrando-se no nada dos nada  
nadificando-se  
Por isso na solidão desse banzo antigo  
rememorador de todas e todos nós que já se foram  
é no espaço de nossa dor que desenhamos  
a sua luz mulher; Marielle Franco.  
E as pontas de sua estrela  
enfeitarão os dias que ainda nos aguardam  
e cruzarão com as pontas das pontas  
de outras estrelas habitantes que nos guiam  
iluminando-se e nos fortalecendo  
nas constelações de nossas saudades.

Apesar da intensidade da recorrência da morte negra ser o elemento maior do poema, Evaristo abre o primeiro verso em recusa. “Não, nós nos negamos a acreditar” revela uma poeta que constata a ancestralidade, que espera-a, mas se rebela contra a opressão que a arrebatou. Utiliza nos versos livres da primeira estrofe um jogo análogo ao desaparecimento, reforçado pelas palavras “desfaça”, “espaço”, “poeira”, “fumaça”, e sintetizado com um neologismo de um corpo que se “nadifica”, porque nada seria. É na segunda estrofe onde ressalta sua inclusão enquanto mulher negra dentro do poema; com ‘banzo antigo’ faz referência às doenças depressivas que eram epidemia entre o povo negro no período da escravidão brasileira para, em seguida, rememorar “todos nós que já se foram” em uma referência a sua raça e ancestralidade ao eleger usar o ‘nós’ e, assim, torna-se ela mesma a Marielle a que se refere. Na estrofe final, constrói igualmente a idealização da homenageada enquanto uma estrela-guia que deve ser lembrada.

Ambos os poemas citados acima compõem a antologia *Um Girassol nos teus cabelos – poemas para Marielle Franco (2018)* entre as mais importantes iniciativas no

---

<sup>5</sup>Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco. Organização Mulherio das Letras. Quintal Edições, 2018, p.7

teor das respostas a execução da vereadora, iniciativa do coletivo Mulherio das Letras em parceria com a Quintal Edições, que selecionou textos publicados por poetas, de forma espontânea, impactadas com o assassinato de Marielle Franco. Foram reunidos 50 poemas para a obra lançada na FLIP 2018, na cidade de Paraty, Rio de Janeiro. Tiveram poemas eleitos as autoras, Aline Guimarães, Ana Carolina Cruz de Souza, Anna A. Apolinário, Andréia Mascarenhas, Andréa Rezende, Bianca Santana, Carolina Rocha, Carmen Faustino, Cecília Marinho, Claudia Manzolillo, Chris Hermann, Conceição Bastos, Conceição Evaristo, Cristiane Tavares, Dalila Teles Veras, Débora Gil Pantaleão, Dirce Mello, Dinha Divanize Carbonieri, Eliane Potiguara, Elisa Pereira, Germana Zanettini, Jennifer Trajano, Juba Maria, Julia Zuza, Kátia Borges, Karina Rabinovitz, Laís Silva, Leila Guenther, Lidiana Ferreira, Ligia Regina, Lilian Escorel, Líria Porto, Mare de Matos, Mariana Machado Rocha, Mel Duarte, Michele Santos, Micheliny Verunschik, Neide Almeida, Nic Cardeal, Nina Rizzi, Nina Rosa, Roberta Tostes Daniel, Rosane Carneiro, Sandra Regina, Socorro Lira, Socorro Nunes, Tatiana Nascimento, Teca Mascarenhas e Valeria Bicca Ferrari; sob a curadoria de Cidinha da Silva, Eliana Mara e Marília Kubota pelo Mulherio das Letras e Carol Magalhães e Ludmila Fonseca, pela Quintal Edições.

Na Paraíba, o Sarau Selváticas realizou uma edição em homenagem a vereadora Marielle Franco assim como o Sarau Lâmina, no Rio de Janeiro. A Revista Raimundo publicou ensaios e textos ficcionais ou não a fim de compor edição especial batizada 'Marielle Presente'. Em Uberlândia, o Simpósio Vozes Mulheres promoveu edição dedicada a sua memória na Abralic 2018 com o título 'Apagamentos e silenciamentos da mulher'. A Revista Trama também editou seu 6º número em atenção ao episódio. A Editora Zouk disponibilizou o texto de Marielle Franco, intitulado "A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada", publicado recentemente no livro "Tem Saída? Reflexões de mulheres sobre a situação do Brasil hoje". Também é possível encontrar dossiês em revistas científicas dedicadas à investigação de poesia produzida principalmente por mulheres negras, como a Revista Ideias da Universidade Federal de Pernambuco, em 2018, a Revista Raça, em 2019 e a Revista Sul a Sul, em 2020, além de mais uma nova antologia recém-lançada intitulada "32 vozes negras por Marielle", resultado de uma chamada pública aberta ainda em 2018 por iniciativa do portal Blogueiras Negras e da Livraria Africanidades. O livro é prefaciado por Anielle Franco, a

irmã de Marielle, possui versão em inglês e está sendo lançado de modo independente.

### **Considerações finais**

Evidencia-se, portanto, nas manifestações e respostas estéticas oferecidas não somente a Marielle, mas a sua representação simbólica de que a mentalidade coletiva rege estas representações e juízos dos sujeitos sociais, e entre as formas possíveis de análise das representações está a literatura, que tem poder de definir sentidos, relacionar e operar o poder no campo simbólico. Marielle é a representação da dialética materialista no processo de análise metodológica das relações de opressão no Brasil. É uma comprovação de que não é possível estudar os sujeitos subalternizados de forma separada ou recortada, mas pela totalidade destas relações de opressão, edificadas nas estruturas de poder do Estado. É mulher, e por isto foi silenciada por ser mulher, sentiu as opressões de gênero na sua atuação dentro da câmara de vereadores e nas relações cotidianas do exercício da maternidade sem a presença de um companheiro que compartilhasse as responsabilidades, por exemplo. É lésbica, exercia livremente sua sexualidade sem justificá-la à opinião hegemônica, vivia com sua esposa, com quem compartilhara a vida. É negra e carregava consigo a voz de outras mulheres negras. E como mulher e negra, ocupava um posto de poder cujo território até pouco tempo lhe era recusado, mas que ainda gerava incômodo. É periférica, nascida na comunidade da Maré, filha de trabalhadores pobres, lugar onde seguia a viver e atuar politicamente, na defesa dos moradores como ela, marginalizados. Um elemento é a chave pra compreensão da importância do poder simbólico de Marielle para o despertar dessa resposta estética nascida em seu nome. Ela foi a mulher que negra, lésbica e periférica, rompeu com os paradigmas sobre o lugar que lhe cabia na sociedade, ousou e ultrapassou. Não se conformou com o papel social imposto a si e construiu um outro, diferente e novo. Significava, portanto, aquela que nunca deveria ter chegado lá mas chegou, e chegou porque lhe foram geradas as condições sociais para isto. Daí o incômodo da sua presença nos espaços de poder, porque ela não era sozinha, mas era a representação de muitas outras iguais, o espelho de tantas que agora ocupavam espaços nunca antes ocupados por estes perfis, que agora estavam nas universidades, nos postos

de trabalho e nas estruturas de poder, agora participam da produção literária, ocupam este território, escrevem e narram outras histórias que não as hegemônicas, as histórias das Marielles e das Marias Carolinas de Jesus. Política é a interrupção dos efeitos da dominação dos ricos:

A luta dos ricos e dos pobres não é a realidade social com a qual a política tem então de lidar. Ela institui a própria política. Há política quando existe uma parte dos sem-parte, uma 'parte' ou um partido dos pobres. Não há política simplesmente porque os pobres se opõem aos ricos. Melhor dizendo, é a política – ou seja, a interrupção dos simples efeitos da dominação dos ricos – que faz os pobres existirem enquanto entidade [...]. A política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida pela instituição de uma parte dos sem-parte (RANCIÈRE, 1996, p.26).

## Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**.RBHCS, vol.6, n.11. p.39-53, 2014

RAMA, Angél. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. São Paulo, Brasil: Edusp, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento: política e filosofia**. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo: editora 34, 1996

**UM girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco/Organização Mulherio das Letras – Belo Horizonte: Quintal Edições, 2018.**